

RETROSPECTIVA 2025

Roberto Figueiredo Guimarães
Diretor da ABDIB e ex-Secretário do Tesouro Nacional

O ano de 2025 começou mal, com expectativas desfavoráveis do mercado financeiro quanto ao comportamento da economia, o que levou a taxa de câmbio a R\$ 6,30/US\$ 1,00. O mercado culpava o “fiscal” e a troca do presidente do Banco Central, quando, na verdade, o problema estava lá fora. Ficou comprovado que o mercado exagerou na dose.

E tivemos as idas e vindas do tarifaço nos EUA, que bagunçaram as relações comerciais no mundo inteiro.

O ano termina com o PIB crescendo um pouco menos do que nos últimos 4 anos (lá pelos 2,3%), inflação dentro do limite superior da meta (4,3%), menor desemprego da história e elevada remuneração real do trabalho. O combo de baixo desemprego, elevada remuneração do trabalho e políticas de transferência de renda foi o responsável pela histórica redução da pobreza e da extrema pobreza no país e pela redução das ainda elevadas desigualdades de renda.

Aliás, este mesmo combo tem sido citado pelo Banco Central como uma das causas da resiliência da demanda agregada, fazendo com que continuem elevadas uma das mais altas taxas reais de juros do mundo, o que já está contribuindo para desacelerar os investimentos e a atividade econômica.

Tivemos outros importantes recordes em 2025: Bolsa de valores, investimento direto estrangeiro e investimentos em infraestrutura, esses últimos na esteira da enxurrada de leilões realizados nos quatro cantos do país nos últimos anos.

A agenda legislativa, que avançou muito em 2024, foi mais limitada em 2025, centrada na regulação do setor elétrico, licenciamento ambiental e em algumas pautas da transição energética.

O que não andou nada bem foi a necessária harmonia entre os Poderes. Estamos vendo cabos de guerra entre os Poderes Executivo e Legislativo e entre o Legislativo e o Judiciário. Isso não favorece o ambiente de negócios.

O próximo artigo será sobre as perspectivas 2026.

